

Manifesto do CORPO

Robson Castro

•
•
•

Primeiramente afirmamos que ninguém habita o corpo e que o corpo não é de ninguém. A pessoa é o próprio corpo. Ela não habita o corpo e também não é dona de um corpo.

O corpo se torna, assim, a própria pessoa.

Seus pensamentos, sua fala, sua voz, sua alma, suas subjetividades são o próprio corpo.

O corpo não tem que satisfazer nada, a não ser seus próprios desejos e vontades.

O corpo não deve obedecer a um formato físico e nem comportamental, e nem se sujeitar a formatos prévios físicos ou de existência. A forma correta de ser e de existir é a própria forma que o corpo está, se assim ele o quiser.

É importante questionar as vontades do corpo: se as vontades são do próprio corpo ou se têm origem em pressões ou questões externas tais como pressões sociais, influenciadas ou determinadas pela mídia ou pelo consumo.

É importante também ficar atento ao anticonsumismo consumista a que o corpo está submetido ou se torna desejoso. Situações em que desejos travestidos de não-desejos, consumos travestidos de não-consumos, estilos impostos travestidos de consumos genuínos e outros, acabam se tornando objeto de pressão e de objetivos que, apesar de parecerem não impostos e anticonsumistas, acabam se tornando em pressões e prisões de bem estar para o corpo que se acha crítico. Exemplos disso são:

- estilo vida simples onde é preciso ser rico para ter acesso a produtos e a estilos de bem-estar sofisticados;
- estilo ecológico com preços exorbitantes que extrapolam muito o valor do próprio objetivo, se constituindo como uma exploração de conceito ou de marca sem, de fato, ter efeito para a cadeia produtiva envolvida ou de eficácia duvidosa como: sacolas retornáveis de matérias de difícil assimilação pelo ambiente ou que gastaram muita energia ou muito material não renovável da natureza; canudos de metais que pretendem economizar em plástico mas se tornam novos resíduos de difícil rastreamento e de decomposição ou que estão em embalagens de plástico que não trazem nenhuma preocupação ambiental;
- outros estilos que prezam liberdade e bem-estar de forma impositiva se transformando em prisões e novos padrões de consumo.

Além da questão do consumo, das formas e desejos que um corpo deve ter, é importante também que o corpo seja livre para se modificar segundo suas vontades livres. Vontade livre é, como dissemos acima, vontade livre de influências ou imposições sociais, midiáticas ou de subjetividades exploradoras e impositivas.

O corpo também deve se questionar sobre como está usando seu tempo e sua energia. Se está a serviço da acumulação de bens materiais ou imateriais impostos subjetivamente ou objetivamente, ou

se está a serviço de um desejo livre e genuíno, pautado em si mesmo de forma isenta de pressões e imposições externas.

Por fim, é importante o corpo sempre buscar sua liberdade, embora esta liberdade seja utópica. A postura constante de buscar e questionar limites ou liberdades impostas que aprisionam faz do corpo um lugar de exercício político de liberdade utópica, tão importante para manter a tentativa de existência autossustentável e ecológica, quanto para que se construa a ilusão mais realista possível de que esteja cumprindo com suas próprias vontades. Essa ilusão utópico-realista, essa impossibilidade de isenção absoluta do corpo diante do mundo e suas imposições, torna-se assim, uma grande lacuna de possibilidades para o corpo se elaborar e se colocar no mundo de acordo com suas tentativas de visões próprias de si e de suas vontades.